



Bruno Mortara

Resultados fotográficos surpreendentes com o HDR

Esta foto da ponte Golden Gate é o resultado final da fusão de nove exposições diferentes. Foto fornecida pelo HDR Photographic Survey, projeto que envolve o Chester F. Carlson Center for Imaging Science do Rochester Institute of Technology, entre outros.



Como todo fotógrafo sabe, seja amador ou profissional, escolher a abertura correta para uma determinada cena é muitas vezes uma questão de se fazer concessões. Ou a foto ganha em algum detalhe ou perde em outro. No entanto, uma alternativa interessante é a utilização de técnicas HDR (*high dynamic range*, ou seja, amplo alcance dinâmico), que agora se tornou mais fácil do que nunca. A ideia básica (e brilhante)

é combinar várias exposições de uma imagem em uma imagem final perfeita. Essa técnica remonta aos pioneiros da fotografia, como Ansel Adams. Enquanto os primeiros adeptos tinham de se debater com a fotografia analógica e processos complicados de cópia, que exigiam grande cuidado, os fotógrafos da era digital podem alcançar resultados impressionantes quase sem esforço.

Apesar de o Photoshop ter uma função automática para mesclar imagens separadas em uma única HDR (e o resultado costuma ser melhor do que o que se consegue com uma única exposição), existem outros programas mais adequados para o trabalho — e que não são muito caros.

Um *software* recomendável é o Photomatix Pro, da empresa francesa HDR Soft. Ele custa 75 euros, o que não é muito para um programa elaborado como esse. Quando se começa a fotografar já pensando no processamento HDR, o fotógrafo entra em uma nova etapa de criatividade fotográfica. Imagens criadas com dados HDR costumam ser surpreendentes, quase surreais, de uma forma positiva.

Embora seja possível mesclar imagens em JPEG, a técnica funciona melhor com fotografias de alta qualidade, em formato RAW, e processamento de 16 bits.

As nove diferentes exposições da ponte Golden Gate.





Uma imagem surpreendente e mágica, utilizando a técnica HDR, por Trey Ratcliff. Parece quase artificial, mas todos os componentes da imagem vêm da cena original. Até o sol, tocando uma das torres do templo Wat Arun em Bangkok, na Tailândia, é original — não foi inserido a partir de outra imagem. (A foto é cortesia de Trey Ratcliff e foi disponibilizada através do Flickr).

ormamente são necessárias três exposições para se obter uma melhoria considerável na qualidade da imagem, mas é possível combinar cinco, sete ou mesmo nove exposições para se chegar a um alcance dinâmico realmente alto nos dados de entrada da imagem.

Combinar imagens subexpostas com uma de exposição normal e, depois, adicionar versões superexpostas da imagem é um bom truque.

Os resultados serão surpreendentes. É só observar o que fotógrafos como Trey Ratcliff, por exemplo, conseguiram usando essa técnica, e então fica impossível discordar! ▣

BRUNO MORTARA é superintendente do ONS27, coordenador da Comissão de Estudo de Pré-Impressão e Impressão Eletrônica e professor de pós-graduação na Faculdade Senai de Tecnologia Gráfica.